

UMA FÁBRICA DE CARAPUÇAS

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Foi com essa expressão que o Padre Lopes Gama referiu-se ao seu próprio jornal - "O Carapuço" -, pois sua missão precípua era distribuir "carapuços de todos os tamanhos e para toda a casta de cabeças". Daí o seu nome: "Façam de conta que assim como há loja de chapéus, o meu periódico é uma fábrica de carapuços". Mesmo que não se lhe aplicasse essa expressão, o leitor perceberia tratar-se de um jornal de natureza panfletária, como muitos existiram na época, mas nenhum ao que parece, com o sentido e o significado do que se publicou no Recife de 1832 a 1842, portanto durante mais de dez anos, com um total de 427 números.

De tal maneira se identificou o autor com sua obra que o apelido se lhe colou à maravilha e por "Padre Carapuço" tornou-se conhecido. Inclusive, assim se chama a via pública que evoca sua memória, na capital pernambucana. O mesmo, aliás, ocorrera na Corte alguns anos antes, com um seu colega que recebeu o epíteto de "Padre Perereca", que ele próprio assinava em vez do solene Luís Gonçalves dos Santos.

Alguns dados sobre o famoso jornalista e panfletário: Figura proeminente da vida cultural de seu tempo, Miguel do Sacramento Lopes Gama nasceu no Recife a 29 de setembro de 1791 e na mesma cidade faleceu em 9 de dezembro de 1852. Dedicando-se à vida eclesiástica, ingressou em 1805 no mosteiro de São Bento de Olinda seguindo pouco depois para a Bahia, onde concluiu os estudos e recebeu as ordens sacras. Só então retornou a sua terra.

Deixou fama de grande orador sacro. Pereira da Costa assim o descreve: "Figura elegante, alto, bela fisionomia, olhar radiante, palavra

fácil e eloqüente, gesticulação e transportes naturais, tais eram os dotes que distinguiam-no; e a tudo isso unindo a sua inteligência vigorosa e a ilustração que ostentava em seus discursos, tornou-se um orador sagrado de primeira ordem, conquistou louvores e renome e o título honorífico de pregador da Capela Imperial"¹

Sua atividade foi incessante: professor do Seminário de Olinda e depois do Colégio das Artes, redator do "Diário do Governo", diretor da Tipografia Nacional, visitador das aulas primárias e secundárias da capital da província e diretor do Liceu do Recife.

Seus primeiros contatos com os jornais despertaram-lhe o interesse pela vida de imprensa, na qual, mais que na própria Igreja, encontrou campo propício para sua vocação de escritor, de lutador e, sobretudo, de defensor das liberdades públicas. De 1829 a 1831, empenhou-se na defesa da monarquia constitucional representativa contra as idéias absolutistas de alguns, mas também contra o excessivo liberalismo de outros. Esta é a sua fase de "O Constitucional", título por si bastante significativo.

A abdicação de D. Pedro I em 1831 fez cessar pelo menos temporariamente as lutas dos grupos partidários que agitavam o Império. Entre outras medidas, dissolveu-se uma sociedade absolutista que havia no Recife, denominada "Coluna". Isto propiciou ao nosso autor escrever um interessante poema em quatro cantos, em estilo herói-cômico, intitulada **A Coluneida**, no qual, de maneira satírica, historiou a vida da "Coluna" e dos seus filiados. Um deles, Marinho Falcão (também padre), respondeu-lhe em poema também satírico a que denominou **Migueleida**, embora não chegando a publicar seu trabalho.

Suas atividades prosseguem. Tornado o último arrimo de sua família, impetrou da Santa Sé o breve de secularização e deixou o hábito religioso. Assim, desaparece **Frei Miguel** (como era conhecido) e surge **Lopes Gama** (como passa doravante a ser denominado). Continuou no magistério e no jornalismo; tornou-se vice-diretor da Faculdade de Direito do Recife; consagrou-se denodadamente à causa da instrução pública; começou a escrever com mais freqüência. Atraído pela política, elegeu-se deputado provincial passando pouco depois para a Câmara Imperial, na qual representou a província de Alagoas.

(¹) Costa, F. A. Pereira da - **Dicionário biográfico de pernambucanos célebres**, p. 723. Recife, Tip. Universal, 1882.

A Corte ofereceu-lhe perspectivas mais amplas. Publicou em "Marmota Fluminense", em 1852, uma série de artigos sob o título **O filósofo provinciano da Corte a seu compadre na província**, que alcançou grande repercussão. Informa Pereira da Costa quanto a estes artigos: "Os primeiros tratam da cidade do Rio de Janeiro, seus usos e costumes, civilização, etc.; e os últimos, da literatura, especialmente sobre a questão do classicismo e romantismo, e sobre o teatro, ostentando nesse trabalho uma riqueza de erudição e conhecimentos imensos"².

Aliás, não houve quem tratasse de Lopes Gama que não se referisse às suas qualidades literárias. O próprio jornal "O Carapuceiro" continha, além da matéria política, peças literárias as mais variadas: contos, poemas, crônicas, como foi pertinentemente observado por Alfredo de Carvalho:

"Era de ordinário ("O Carapuceiro") escrito em prosa singela e amena, contendo ligeiros contos, anedotas engraçadas e a crítica aos abusos e desvios dos costumes do tempo; às vezes - raras - ao redator aprazia deliciar os seus leitores com pequenas produções rimadas do mesmo sabor dos seus escritos em prosa (...) e assim, em prosa e verso, exerceu "O Carapuceiro" a sua ação proveitosa e salutar, fustigando os erros, censurando os desmandos, destruindo abusões e escarnecendo das parvoíces dos contemporâneos, de mistura com ditos agudos, fábulas engenhosas e historietas galantes. Primeira amostra do jornalismo humorístico e satírico em Pernambuco, teve extraordinária voga e o seu título passou como alcunha ao espirituoso redator"³.

"Era o jornal impresso na Tipografia Fidedigna, de José Nepomuceno de Melo, à rua das Flores. Formato de 21 x 15, com quatro páginas de duas colunas, exibindo sobre o título o desenho do interior de uma loja de chapeleiro, de cujo balcão se aproximavam fregueses de aspecto importante; das paredes, pendiam barretinas, chapéus, coroas imperiais, mitras e carapuças, suspeitando-se na figura do lojista o próprio redator. À guisa de moto uma divisa de Marcial, em latim, mas com a respectiva tradução:

(2) Costa, F. A. Pereira da - Op. cit., p. 725.

(3) **Panorama do conto brasileiro**, vol. 1: Os precursores. Intr., pesquisa e seleção de Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1960. o. 22/23.

"Guardarei nesta folha as regras boas
Que é dos vícios falar, não das pessoas"

A apresentação do jornal não poderia ser mais objetiva: "Enquanto os outros periódicos de alto coturno todos se empregam na política, uns explicando direitos e deveres sociais, outros levantando questões sutilíssimas; entres dando alvitres, ora acertados, ora com o pequeno defeito de serem impraticáveis (...) eu, que sou um piegas no círculo dos gladiadores periodiqueiros, não me meterei nesses debuxos, nem é minha intenção pôr-me a escarrapelas e tracamundanas com o meu próximo, uns porque os respeito por bons, outros porque os temo por ferrabrazes"⁴.

Não tinha no início "O Carapuceiro" periodicidade certa. A alguém que lhe perguntou certa vez sobre isto, só teve uma resposta: "Sairá o pobrezinho quando Deus o ajudar e conforme a generosidade que com ele quiserem ter os padrinhos, que são os senhores leitores". A partir de certa época passou a circular duas vezes por semana e nesta periodicidade chegou até o fim.

Uma coleção desse jornal já era considerada rara poucos anos após o falecimento de seu redator. Foi certamente pensando tanto no interesse do periódico, como na sua raridade, que a Fundação de Cultura da Cidade do Recife promoveu, em 1983, uma edição fac-similar de "O Carapuceiro", com prefácio de Leonardo Dantas Silva e estudo introdutório de Luiz do Nascimento. Consta a publicação de três alentados volumes, integrando, sob nº 27, a preciosa Coleção Recife. Como explicou o prefaciador, a coleção reúne os 427 números do jornal, totalizando 1706 páginas. 31 números estão mutilados e o leitor é advertido ainda de que, "face à situação precária em que se encontram as edições consultadas, algumas páginas se mostram parcialmente ilegíveis"⁵.

Julgamos oportuno lembrar o excelente estudo do Professor Amaro Quintas - **O Padre Lopes Gama político** - como sendo realmente o primeiro estudo sistemático elaborado sobre o famoso padre. Amaro Quintas vê em Lopes Gama, com boa dose de razão, o

(4) "O Carapuceiro", nº 1, Recife 7 de abril de 1832.

(5) Gama, Lopes - O Carapuceiro, edição fac-similar, p. 3. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1983.

verdadeiro pioneiro no estudo (ou pelo menos no levantamento) de alguns problemas sociais que ainda hoje são presentes na conjuntura brasileira: questão de terras, de propriedade, de privilégios, de injustiças sociais, de moralidade pública e privada, de nacionalismo econômico e até de luta de classes.

Em verdade, cumpre-nos enfatizar que a situação de desajustamento social, a generalizada corrupção campeante na sociedade recifense da época, a miséria do povo, a ausência de sentido ideológico nos partidos políticos brasileiros... nada passou despercebido ao Padre Carapuço em sua extraordinária versatilidade, notabilizando-se como um crítico de costumes, como um verdadeiro analista social de seu tempo, utilizando-se sempre da sátira, do chiste, da chacota para enfrentar seus opositores, onde, através dos epigramas, acentuava as fraquezas de seus adversários.

Salientamos, à guisa de exemplificação desta preciosa fonte, uma de suas páginas das mais elucidativas para análise - o que falta ao Brasil - onde a preocupação central foi a de demonstrar que após a emancipação política brasileira nada teria melhorado em seus costumes, uma vez que a justiça estava cada vez mais venal. Dizia "O Carapuço": "Os princípios da Política têm-se disseminado por todas as partes. Já não há sapateiro, já não há barbeiro, etc., que não fale na soberania do povo, e que não distinga os direitos civis dos direitos políticos. A palavra liberdade anda por todas as bocas, e todos gritam que já se acabou o cativo, em que gemia oprimido o Brasil; nunca se viu tanto palavreado de liberalismo, e nunca se viu também tanto crime e tanta impunidade. Qual será a causa de tão desgraçado fenômeno? Verei se a descubro segundo as minhas fracas idéias."⁶

Salienta a continuidade da falta de educação do povo, os malefícios decorrentes do regime da escravidão e o nada que se fazia para a prosperidade real do Brasil, uma vez que "cuida-se muito em vulgarizar as idéias políticas, as jurídicas e sociais, o que em verdade é conveniente, mas não foi dado um passo para tornar os povos industriais e morais".⁷

(6) "O Carapuço", nº 7, 11 de maio de 1937; p. 1/2.

(7) "O Carapuço", idem, p. 3.

Muito pelo contrário, escrevia ferinamente: "todos têm os olhos cravados nos cofres públicos: finalmente a população do Brasil compõe-se em grande parte de papagueadores e ergotistas políticos, de chicanistas e empregados públicos. De indústria bem poucos são os que se ocupam; porque muitos que não podem pegar algum empregozinho, seja de que natureza for, entregam-se à ociosidade e calaceria, quando não dão para viver das suas agências, que não há nada mais temível".⁸

Crítica, de igual modo, a tendência geral das famílias encaminharem seus filhos para o curso jurídico ou então para o sacerdócio, com ou sem vocação por parte deles, mas jamais para os ofícios, manuais ou para as artes mecânicas. Daí os desajustes havidos em sociedade, o aumento do número de crimes, e a "nossa liberdade (que não tiramos da boca) ser quase toda teórica".⁹

Acrescia ainda que, embora houvesse considerável número de periódicos, estes pouco estavam fazendo no sentido de alterar essa situação calamitosa, mantendo, desta forma, o "programa de carapuças", dando-as, indistintamente, a quem as servisse e fazendo votos para que os interessados as usassem e se corrigissem..., principalmente no sentido dos brasileiros fugirem das sedições.

Creemos, pois, que todo "O Carapuceiro" é um rico material a ser investigado pelos estudiosos da ciência histórica numa tentativa de interrelacionar idéias e fatos, influências ideológico-sócio-políticas à história dos costumes do Brasil, até porque a postura de Lopes Gama não é comum ao pensamento da época e, embora hoje possa nos parecer sua produção em muitos aspectos "naive", deixa entrever uma gama de problemas extremamente pertinentes para a reflexão não apenas dos costumes, mas também do caminho ideológico brasileiro e de suas transformações infra-estruturais.

(8) "O Carapuceiro", nº 7, Recife, 11 de maio de 1837, p. 3.

(9) "O Carapuceiro", nº 7, Recife, 11 de maio de 1837, p. 4.